



Safira: a revista literária dos engenheiros escritores

Alexandre Santos

Discurso proferido em 14 de dezembro de 2012, por ocasião do lançamento da revista 'Safira', publicada pela Associação Brasileira de Engenheiros Escritores, no Palácio da Engenharia, sede do Clube de Engenharia de Pernambuco, na Praça Sergio Loreto, no bairro de São José, no centro do Recife.

Minhas senhoras e meus senhores,

Ao fechar o ano de 2012 - antes, portanto, de concluir seu primeiro aniversário -, disposta a abreviar a criação de aparato que visa estabelecer ambiência favorável à manifestação da arte e facilitar o reconhecimento público da vocação e talento literário de engenheiros, arquitetos, geólogos, geógrafos e demais profissionais do universo técnico e correlato, a Associação Brasileira de Engenheiros Escritores (ABRAEE) lança a edição inaugural de 'Safira', a sua coletânea anual, reunindo contos, poemas, crônicas e ensaios de excelente qualidade, em brochura que honra a memória do engenheiro-escritor Joaquim Cardozo, patrono da entidade.

A escolha do nome da coletânea decorreu do esforço conjunto que, após o brainstorm inicial, convergiu para 'Safira', a pedra azul, preciosa, dura e resistente associada às engenharias e aos seus profissionais.

Com efeito, a safira é uma pedra plena de significados, pois, representando o aprendizado e a aplicação da ciência, da tecnologia e das inovações que constituem o campo de trabalho das engenharias, deles passou a ser sinônimo.

Aliás, a depender da luminosidade e da intensidade de ferro e titânio nela presentes, o azul da safira assume muitos matizes e nuances como se quisesse indicar as diversas modalidades das engenharias e das profissões correlatas.

Nesta perspectiva, tal como o espectro da pedra azul, que reflete um pouco dos elementos nela presentes, a ABRAEE incorpora o espírito e a alma das engenharias, criando um campo para além do espaço profissional onde brota uma literatura recheada de elementos lógicos e estéticos, cuja combinação, um dia, poderá apontar tendências e, quem sabe, novos caminhos para a arte de escrever.

Assim, a coletânea 'Safira' é uma amostra da arte produzida por colegas que atuam além da safira desenvolvida e cultivada nos bancos escolares e batentes profissionais.

Embora desnecessário, esta coletânea - marco inicial da coleção que, em pouco tempo, estará inserida na tradição editorial dos amantes da literatura do País - constitui prova de que, como proclama a ABRAEE, no interior dos profissionais das engenharias pulsa

uma veia artística de explosão imprecisa e, muitas vezes associada à arte de escrever, abrindo-lhes um caminho para a expressão literária das coisas do mundo, do espírito, da carne e da vida.

Nesta edição de estreia – que homenageia o engenheiro-escritor Jaime Barboza, que não aguardou por este momento e, prematuramente, alcançou a grande inflexão da vida, não estando mais entre nós fisicamente – além de sessão reservada especialmente ao patrono Joaquim Cardozo, com pequena biografia e fragmentos de sua vasta obra poética, 'Safira' apresenta textos escritos sob diversos gêneros, formas e estilos por engenheiros civis, eletricitas, mecânicos, ambientais, arquitetos, urbanistas, geólogos e geógrafos de todas as regiões do País e que, profissionalmente, emprestam o seu conhecimento, talento e experiência nos setores público e privado, atuando em escritórios de planejamento, projetos e controle, obras e chão de fábrica, docência, atividades parlamentares, artísticas e culturais, compondo um magnífico mosaico da arte literária praticada atualmente no Brasil.

Importante recurso usado pela ABRAEE na busca de seus objetivos, ao estimular a arte de ler, esta coletânea se articula com o aparato literário que permeia o mundo cultural, auxiliando a sociedade a adquirir os bens intangíveis que caracterizam os povos avançados e, naturalmente, fortalecendo a sociedade contra os salteadores da palavra que manipulam a informação, criando um poder não institucional que compromete a democracia.

Nesta perspectiva, além de robustecer o mundo da arte e do conhecimento, a coletânea constitui vigoroso instrumento de defesa da cidadania.

Aliás, talvez como mensagem subliminar e subjacente à presença literária da engenharia brasileira no mundo das artes, esta coletânea permite que os homens das engenharias ampliem o seu protagonismo social, ampliando os espaços nos quais podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida e bem estar coletivo.

Que todos tenham boa leitura e possam melhor conhecer a literatura praticada pelos homens das engenharias do Brasil.

(*) Alexandre Santos é presidente da Associação Brasileira de Engenheiros Escritores